

Língua Mídiada

SÍRIO POSSENTI



SUMÁRIO

- Apresentação, 7
1. Imagine, 9
 2. Eu acuso, 13
 3. Candidatos a gramáticos?, 17
 4. Descatracalização, 25
 5. E onde estão as análises?, 31
 6. Enunciado simples: o que é mesmo?, 35
 7. Regências, 39
 8. Procurar o objeto direto?, 43
 9. Gerundismo?, 47
 10. Aprender a olhar, 51
 11. Ainda sobre olhar (e não ver), 55
 12. Internetês, 59
 13. Nota sobre o esperanto, 65

14. Preconceito genérico?, 69
15. Uma carta, 77
16. Ah! As leituras, 89
17. Dois casos exemplares, 97
18. Nomear as coisas?, 103
19. Quem faltou à aula?, 109
20. -ilizar, 113
21. Mas é uma gramática?, 117
22. Não erre mais, Sacconi!, 123
23. Mas pronomes substituem nomes? (i), 129
24. Mas pronomes substituem nomes? (ii), 133
25. Mais uma coluna, 137
26. Mais sobre precisão, 141
27. A zelite?, 145
28. Nosso Probus de plantão, 147
29. Páscoa, Paulo Coelho, 153
30. Da boa literatura, 157
31. Redundantemente, 161
- Índice de nomes, 165

APRESENTAÇÃO

ESTE livro reúne colunas que escrevi nos últimos anos. A maior parte delas foi publicada no site *primapagina.com.br*, a partir de 2002. As exceções são duas ou três publicadas anteriormente no *Jornal de Jundiaí* e algumas publicadas mais recentemente em *terramagazine.com.br*.

O que as unifica de alguma forma é que comentam análises faju-tas (com uma ou outra exceção) de autoria de prestigiosos profissionais da mídia que, quando falam de língua, emitem juízos completamente desinformados. Alguns dão a impressão de serem donos de bibliotecas razoáveis, ou, pelo menos, de que recebem grande quantidade de livros para comentar (o que frequentemente fazem sem lê-los, aposto — arrisco esse palpite com base nos comentários a respeito dos que conheço), mas devem ter em um cantinho do escritório um mísero dicionário — talvez dois — e só uma gramática, que provavelmente nunca leram. Seus comentários se baseiam no que lembram das aulas de seus professores ou professoras, às quais frequentemente apelam, ou, então, em manuais de redação dos jornais ou em volumes similares do tipo pronto-socorro.

Ou seja, o que falam sobre língua os intelectuais da praça não tem nem de longe a qualidade do que falam sobre os temas aos quais dedicam sua carreira e suas leituras — seja literatura, seja economia, antropologia ou mesmo generalidades (muitos sabem de tudo um pouco e nada direito; num mesmo dia, comentam música, pintura, futebol, economia, artes plásticas e... língua — e é então que supponho que tudo deve ser precário, coisa das orelhas dos livros, no

máximo). Uma das raras exceções é Sérgio Rodrigues, com quem o debate tem outra dimensão.

Um pouco diferentes são os especialistas em língua que assessoram jornais. Estes lêem gramáticas e dicionários diversos, mas sempre selecionam ou produzem um resumo de consenso, invariavelmente fundado na posição mais conservadora ou, alternativamente, simplificam as “regras” reduzindo-as a uma unidade que não se encontra nas gramáticas. Em geral, eles se especializam em duas coisas: fornecem dicas que não funcionam e observam pessimamente fatos que estão diante de seu nariz, que pretensamente analisam.

Não preciso dizer que eles nunca tomaram conhecimento do que eu disse deles, pelo menos publicamente (com uma exceção). Como fazem com quase tudo, eles não iam perder tempo com leitura!

Há duas ou três exceções entre os “interlocutores”: um jovem de Jundiaí, que se chateou com comentários que eu tinha feito sobre colunas do Prof. Pasquale, de quem era aluno, e um professor universitário com o qual partilho posições, mas cuja leitura de textos meus sobre ensino foi, a meu ver, desastrosa. Nos dois casos, interessa menos o pequeno “combate” do que a oportunidade de dizer certas coisas.

Não tive a preocupação de atualizar dados. Isso permite tanto que os textos sejam lidos como se o fossem no calor da hora quanto que valham independentemente das circunstâncias de sua produção.

Campinas, setembro de 2009



IMAGINE

JOSÉ Reis é provavelmente o mais conhecido divulgador de conhecimento científico no Brasil. Escreve sobre descobertas e problemas de biologia há décadas. Agora, imagine que você vai a sua coluna e lê que o corpo humano se divide em três partes: cabeça, tronco e membros.

Marcelo Gleiser é provavelmente o mais conhecido dos físicos que escrevem em jornal sobre as mais avançadas pesquisas em seu campo de trabalho (no Brasil, porque pelo mundo afora há muitos). Agora, imagine que em sua coluna você lesse os nomes “corretos” dos planetas do sistema solar, quem sabe sua etimologia e sua relação com os deuses.

Milton Santos é um conhecidíssimo geógrafo brasileiro, dos grandes do mundo. De repente, um jornal anuncia que ele vai publicar um livro de geografia, no qual o leitor não vai encontrar uma lista com os afluentes da margem direita do rio Amazonas, mas, por exemplo, um mapeamento dos *shopping centers*, a distribuição dos frigoríficos pelo território nacional etc. Convenhamos que isso é obviamente fazer geografia. Qualquer um concordaria, intuitivamente, até porque é em torno dos *shoppings* que nos instalamos agora, e não à margem dos rios...

Quando a revista *Bundas* começou (é uma pena que tenha acabado), em um dos primeiros números, um articulista achava que aquela publicação deveria ter uma coluna sobre língua portuguesa — praticamente todos os jornais brasileiros mantêm uma —, mas ele queria que essa coluna não fosse quadrada, e a exigência que

fazia era que, por exemplo, explicasse de maneira bem humorada a diferença entre “ora” e “hora”.

Parece que isso é o máximo de novidade que se pode exigir de uma coluna sobre língua: que seja engraçada. Ora, querer que se explique a diferença entre “ora” e “hora” de maneira engraçada ou bem-humorada é mais ou menos como pedir uma aula de anatomia do tipo “o corpo se divide em três partes: cabeça, tronco e membros” e esperar que isso seja engraçado (bem, talvez seja, basta pensar em outro sentido da palavra “membro”, passando a imaginar um corpo humano com membros, assim, no plural...; para quem tem unzinho só, pensar em alguém que tenha vários seria de fato muito engraçado).

O que estou querendo dizer, afinal? Simplesmente que não acho graça nenhuma (nem utilidade) em colunas e programas de TV que ensinam a falar corretamente, suprimindo as tarefas da escola e da família, mas com os mesmos livrecos e a mesma cabeça, reduzindo a língua a um objeto estático e quase ridículo, falando dela como um astrônomo que repetisse os nomes dos planetas, como se não houvesse nada de interessante nas línguas, como se não se tratasse de um campo de pesquisa e, portanto, de discórdia e controvérsia, como se não houvesse numerosas pessoas no mundo pesquisando sobre línguas, sobre nossa língua (nossa de quem, cara pálida?, poderia perguntar um dos muitos índios que falam uma das muitas línguas indígenas que há no país).



Assisti um trecho de uma entrevista meio antiga que João Ubaldo deu a Alberto Dines. Duas coisas chamaram minha atenção, dois equívocos desses respeitáveis senhores. Às tantas, João Ubaldo confessou que deve ser dos poucos que leem dicionário. Que, inclusive, joga dicionário, o que vem a ser mais ou menos o seguinte: lê um verbete, inteiro, e, se encontrar nele uma palavra que não conhece, vai a ela, lê de novo todo o verbete, se encontrar uma palavra que não conhece vai a ela, e assim por diante. Faz isso com dicionários de várias línguas, inclusive do catalão, disse. Foi aí que Dines entrou para elogiar Ubaldo, ou melhor, esse tipo de formação que Ubaldo tem, e para falar mal dos